

PREFÁCIO

Hoje as fronteiras são porosas. E nós, que havíamos sonhado com o seu derrube, sentimos que, sem elas, o mundo se tornou menos seguro. A banalidade derrubou não apenas a fronteira entre a arte e o bom senso, mas todas as fronteiras. Tudo pode ser incluído, misturado, amalgamado, simplesmente junto, lado a lado.

Ora, a interdisciplinaridade é uma palavra que tem sido convocada para descrever este domínio do indiferenciado. Ela surge tanto para sancionar a diluição das fronteiras entre disciplinas — espécie de sinónimo de capitulação face aos rigores que todas as posturas disciplinares implicam — como para referir o controlo e exploração (leia-se potenciação) da transversalidade entre conhecimentos que a anulação das fronteiras entre disciplinas pode favorecer.

Entre a recusa indolente das especializações e a fertilidade heurística dos cruzamentos de competências, a palavra «interdisciplinaridade» foi-se impondo como uma *password* universal. Ela entrou no vocabulário da investigação científica e dos novos modelos de comunicação entre pares. Qual é o projecto que hoje não reúne equipas interdisciplinares? Qual é o colóquio ou mesmo o

congresso que não é interdisciplinar? Também no contexto empresarial, a palavra «interdisciplinaridade» tem tido uma utilização exponencial. Refiram-se apenas o caso da gestão de empresas, onde alguma coisa designada por interdisciplinaridade é usada como processo expedito de gestão e decisão, ou o caso da produção técnica e tecnológica, sobretudo a mais avançada, onde se tende cada vez mais a reunir equipas interdisciplinares para trabalhar na concepção, planificação e produção dos objectos a produzir¹.

De modo similar, em muitas Escolas Secundárias e Universidades, são feitas experiências ditas interdisciplinares. Ora, o que muitas vezes acontece é que a palavra está lá, mas percebemos que a experiência em causa é insuficiente, que, muitas vezes, se resume a um acto, legítimo por certo, mas de pura *animação cultural*. No entanto, qual o curso que hoje não comporta elementos curriculares interdisciplinares? Qual a reforma que hoje se não reclama da interdisciplinaridade?

A interdisciplinaridade é também capturada pelos meios de comunicação que fazem dela uma utilização selvagem, abusiva, caricatural. Quando se quer discutir um problema qualquer, a Guerra do Iraque, as eleições americanas, a moda ou o mais extravagante episódio futebolístico, a ideia é sempre a mesma: juntar várias pessoas, de diferentes áreas do conhecimento, e pô-las em conjunto a falar à roda de uma mesa, lado a lado, frente a frente, em círculo ou semicírculo, em presença ou por videoconferência, etc. Cada pessoa fala na sua vez ou procura-se que conversem umas com as outras. Porém, a maior parte das vezes, o que acontece é desentenderem-se, caírem em mal-entendidos, conflitos, falhas terríveis de comunicação. Não importa! O que está subjacente a esta mera inventividade de cenários é sempre a ideia embrionária — e muito ingénua — de que a simples presença física (ou virtual) de várias pessoas (como encarnações de vários saberes) em torno de uma mesma mesa (sobretudo se for «redonda»), criaria automaticamente um real confronto de perspectivas, uma discussão mais rica porque, dir-se-á, mais interdisciplinar. Ora, em

geral, essas dificuldades de comunicação nada têm a ver com a interdisciplinaridade. Ao contrário, na esmagadora maioria dos casos, isso tem tudo a ver com a *disciplinaridade*, ou seja, com a incapacidade, que todos temos, de ultrapassar os nossos próprios princípios discursivos, as perspectivas teóricas e os modos de funcionamento em que fomos treinados, formados, educados.

Do conjunto de práticas de investigação e de ensino orientadas pelo esforço de convergência entre especialidades, dos discursos mais ou menos utópicos sobre uma fraternidade última de todos os saberes, das encenações televisivas da pluralidade, resta apenas a designação vaga de interdisciplinaridade. No entanto, nem as pessoas que a praticam, nem as que a teorizam, nem aquelas que a procuram definir, sabem o que ela é. A interdisciplinaridade é uma palavra gasta, tantas vezes banalizada, vazia de sentido. Um conceito à deriva, uma palavra à procura de uma teoria. Por isso, falar sobre interdisciplinaridade é hoje uma tarefa ingrata e difícil — quase impossível.

Se, mesmo assim, este livro se escreve, é porque acreditamos que, na própria palavra, ou nos seus usos, selvagens ou domesticados, algo de fundamental se procura dizer, tanto sobre a condição actual do conhecimento, como sobre as formas possíveis do seu ensino. Por isso, para além de propor novas definições deste conceito, ou outros mapas para a descrição dos seus usos em projectos de investigação, nas escolas, nas teorias da ciência, este livro procura sobretudo escutar o que, ao longo dos últimos 40 ou 50 anos, se foi procurando dizer na palavra interdisciplinaridade. Tentar oferecer um panorama dos estudos até agora efectuados sobre interdisciplinaridade. Tentar perceber o que por ela, e através dela, se dá a pensar.

* * *

Começemos pelas palavras. Há uma intimidade, uma proximidade suave que exigimos ter com as palavras. Ora, a palavra «interdisciplinaridade», logo na sua matéria, na sua composição de sons e sentidos, é uma palavra agreste, desagradável. Comprida demais na sua estrutura por composição. Além disso, não há só uma. Há uma família de quatro elementos — pluridisciplinaridade, multidisciplinaridade, transdisciplinaridade — que se apresentam como mais ou menos equivalentes a interdisciplinaridade. Sentimo-nos perdidos nesta multiplicação de palavras que procuram exprimir afinidades electivas entre saberes. Até porque todas elas sofreram o mesmo processo de erosão. Para lá das suas múltiplas vozes, dizem vagamente o ideal de um concerto do mundo e dos conhecimentos.

Uma solução seria abandonar a palavra «interdisciplinaridade» e suas congéneres e procurar uma alternativa. E, em certa medida, é isso que está a acontecer. Há hoje várias palavras nesta situação. A mais séria alternativa é a palavra «integração» (integração europeia, integração dos saberes, estudos integrados, licenciaturas integradas, circuitos integrados, etc.)². Mas, a verdade é que também não sabemos determinar satisfatoriamente as suas fronteiras, delimitar de forma suficiente o seu sentido. O problema não é pois facilitado pela emergência de palavras alternativas, mas agravado.

A situação não deixa de ser curiosa. Depois de tentativas várias para pensar a articulação entre domínios do conhecimento evitando a erosão da interdisciplinaridade, a palavra resiste, persiste, teima em reaparecer. Porquê? Como explicar esta teimosia?

A *hipótese* que organiza este livro é a de que, pela palavra «interdisciplinaridade» se dá a pensar algo que porventura merece ser pensado, que nela e por ela se procura pensar um fenómeno decisivo da ciência contemporânea. Referimo-nos à clivagem, à

passagem, ao deslocamento no modelo analítico de uma ciência que, desde os seus começos, se construiu como a procura de divisão de cada dificuldade no seu conjunto de elementos ínfimos, isto é, que partiu do princípio de que existe um conjunto finito de elementos constituintes, e que só a análise de cada um desses elementos permite, depois, reconstituir o todo. Quer isto dizer que o programa analítico está em crise? Não, isto quer dizer que ele surge hoje como insuficiente. Este programa — temos de o reconhecer — deu ao homem muitas e magníficas coisas, praticamente tudo o que temos hoje como ciência, tudo o que enquadra a nossa vida e constitui a base da nossa compreensão do mundo. Só que — temos também de estar abertos a reconhecê-lo — há muita coisa que a própria ciência produziu e que já não cabe neste programa. Se não podemos esquecer, diminuir, negar os benefícios da ciência moderna, tanto em termos de compreensão do mundo como de melhoria das nossas próprias vidas, isso não pode ser impeditivo do reconhecimento dos custos que a especialização trouxe consigo.

Em primeiro lugar, custos relativos ao próprio especialista, que se transforma numa criatura estranha, «alguém que sabe tudo acerca de cada vez menos», como diz Ortega Y Gasset, em páginas célebres de *La Rebelión de las Massas* (1929). Trinta anos mais tarde, Lord C. P. Snow, num pequeno texto intitulado «Two Cultures», escrevia também: «os cientistas nunca leram uma obra de Shakespeare e os literatos não conhecem a segunda lei da termodinâmica» (Snow, 1959: 15). Por outras palavras, a especialização tem como efeito dramático que cada grupo de investigadores desconhece e ignora o que o outro grupo faz, chegando mesmo, em alguns casos, a considerar que o que o outro grupo faz não tem qualquer interesse. Neste sentido, o famoso livro de Sokal e Bricmont (1998) pode porventura ser lido como o mais recente resultado, e o mais requeitado exemplo, desta triste incompreensão³.